

EL GOBIERNO DE JÂNIO QUADROS POR LAS PÁGINAS DEL PERIÓDICO *ÚLTIMA HORA* (UH)*

O GOVERNO DE JÂNIO QUADROS PELAS PÁGINAS DO JORNAL ULTIMA HORA (UH)

JÂNIO QUADROS'S GOVERNMENT THROUGH THE PAGES OF THE NEWSPAPER
CALLED ULTIMA HORA (UH)

DR. THIAGO FIDELIS**

Universidade do Estado de Minas Gerais
Passos, Minas Gerais, Brasil
Email: thiago.fidelis@uemg.br
Id-ORCID: 0000-0003-0406-1559

RESUMO

Em 1960, Jânio Quadros foi eleito presidente da República, não sendo ligado a nenhum grande partido, após sucessivas vitórias eleitorais. Em relação aos jornais de principal circulação no país, embora muitos viam com desconfiança essa ascensão, acabaram apoiando-o na eleição.

No entanto, a publicação Última Hora (UH) não legitimou a candidatura e manteve-se fiel à cultura política trabalhista, opositora às bases defendidas pelo presidente eleito. Sendo assim, o presente artigo visa a analisar como a UH retratou o governo de Jânio Quadros, desde sua posse em janeiro de 1961 até à sua renúncia, menos de sete meses depois.

ABSTRACT

In 1960, Jânio Quadros was elected president of the Republic of Brazil. By this time, he was not linked to any major Political Party and, despite of this, had had successive electoral victories. Regarding the main circulation newspapers in the country, although many of them saw his rise with suspicion, they ended up supporting him in the election. However, the newspaper called Última Hora (UH) did not legitimize the candidacy and remained faithful to the political labor culture, opposed to the bases that Quadros used to defend. Thus, this article aims to analyze how this mean of communication portrayed Jânio Quadros's government, from his inauguration in January 1961 until his resignation, less than seven months later.

* Recibido: 5 de abril de 2021; Aceptado: 9 de septiembre de 2021.

** O presente artigo é uma adaptação de parte do meu relatório de estágio de pós-doutorado em História Social, realizado na Universidade de São Paulo (USP) sob a supervisão do Prof. Dr. Marcos Napolitano.

Palavras-chave: Jânio Quadros; *Última Hora*; Política Externa Independente; História da imprensa.

Keywords: Jânio Quadros; *Última Hora*; Independent Foreign Policy; Press History.

RESUMEN

En 1960, Jânio Quadros fue elegido presidente de la República en Brasil, sin relación con ningún gran partido político, después de sucesivas victorias electorales. En cuanto a los periódicos de principal circulación en el país, aunque muchos veían esa ascensión con incredulidad, terminaron por apoyar al presidente en la elección. Sin embargo, el periódico *Última Hora* (UH) no legitimó la candidatura y se mantuvo fiel al laborismo, cultura opositora a las bases defendidas por el presidente elegido. De esa manera, este artículo tiene por objetivo analizar como UH retrató el gobierno de Jânio Quadros, desde su investidura, en enero de 1961, hasta su renuncia, que ocurrió menos de siete meses después.

Palabras clave: Jânio Quadros; *Última Hora*; Política Exterior Independiente; Historia de la prensa.

Cómo citar. Fidelis, Thiago. (2021). “El gobierno de Jânio Quadros por las páginas del periódico *Última Hora* (UH)”. *Revista Historia Social y de las Mentalidades*, 25(2), 109-126. <https://doi.org/10.35588/rhsm.v25i2.4869>

1. INTRODUÇÃO

Eleito em 1960 presidente da República após cumprir o mandato como governador de São Paulo, Jânio Quadros representava a maior novidade política do país nesse período. Sem ligação com nenhum grande partido e com práticas de austeridade econômica e amplo moralismo social, conseguiu angariar o apoio de vários setores sociais, desde poderosos líderes econômicos até pessoas sem capital e com baixa renda (Chaia 181-186).

O jornal *Última Hora* (UH), fundado em 1951 por Samuel Wainer, representava nesse período um dos jornais de maior circulação no país, mantendo sua tradição de ser o principal espaço para a divulgação e disseminação da cultura política trabalhista (Fidelis 45-47), tendo as lideranças políticas do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) grande destaque em suas páginas (o diretor-executivo do jornal, Bocaiuva Cunha, era deputado federal pelo Rio de Janeiro, nesse período).

Defensor da campanha do marechal Lott nas eleições de 1960, a UH foi opositora à candidatura de Jânio e manteve tal aspecto durante seu curto mandato, em 1961. Levando em conta os pontos elencados, a abordagem nesse artigo será dividida em três partes: as primeiras impressões sobre o governo e afirmação da posição do jornal; a oscilação da publicação, ao longo dos meses,

entre a oposição e o apoio a algumas medidas do governo e a análise da *Política Externa Independente* (PEI), com enfoque para acontecimentos relacionados a Portugal e Cuba.

2. INÍCIO DO MANDATO E A AFIRMAÇÃO DA POSIÇÃO DO JORNAL

No início do ano de 1961, antes da posse, a UH analisou os últimos passos do governo de Juscelino Kubitschek (JK) e ensejou algumas análises sobre o processo eleitoral brasileiro, uma vez que a vitória de Jânio Quadros sinalizou, na perspectiva adotada, um enfraquecimento das principais agremiações partidárias no Brasil, já que o político eleito, embora apoiado pela União Democrática Nacional (UDN), não possuía vínculo com nenhum dos grandes partidos da época (Benevides, A UDN 113-114).

A abordagem em relação a Jânio nesses primeiros dias foi bastante tímida, resumindo-se a algumas notícias sobre sua viagem (o futuro presidente estava na Europa) e tendo um enfoque maior nos últimos momentos do governo de JK, figura bastante bem-quista pelo jornal (Biroli 218-219). O jornalista Otávio Malta, em sua coluna “Jornais e Problemas”, criticou a viagem e o estilo personalista de Jânio, indicando seu possível descaso com o Brasil e comparando-o com JK:

O que preocupa mesmo é a conduta de Jânio Quadros. Estamos-nos despedindo de um Presidente que trouxe à vida pública do País um elemento pessoal, psicológico, da maior importância: a sua tremenda capacidade de comunicar-se com o povo, a simpatia, a cordialidade, o destemor do contato humano (...) Agora passamos ao estilo oposto, de um homem que só busca a solidão, que se fecha em si mesmo, um enigmático, um introvertido (...) (UH, “Jornais e problemas”, 12/01/1961).

O tema dos possíveis nomes ao Ministério, aventado em vários momentos, voltaria à tona no dia 16, indicando que a UDN estaria “cercando” o próximo presidente para obter cargos e maior participação no governo. Após noticiar, por alguns dias, o roteiro de viagem que Jânio estava fazendo na volta ao Brasil, a manchete das edições do dia 20 de janeiro enfatizou a chegada do futuro presidente, no estilo efusivo e expansivo da publicação (UH, “Marinha interceptou “Durango” em alto mar para saudar Jânio”, 20/01/1961). Na reportagem que abordou o título, a UH destacou a primeira ordem do político em pauta, pedindo austeridade na solenidade em que ele e João Goulart (mais

conhecido como Jango) seriam diplomados no dia 22 (UH, “Primeira Ordem de JQ: “Austeridade” na Posse”, 20/01/1961).

Quatro dias após, foi publicada uma espécie de editorial, “Personalismo, a Grande Ameaça!” (indicado em uma série intitulada “Introdução ao Governo J.Q.”; que teve três textos publicados), fazendo uma análise bastante pormenorizada da eleição, do novo presidente e do contexto político da época, indicando a posição da UH. O texto representava a visão da publicação em relação a Jânio, comparando-o com figuras caras à sua trajetória, especialmente à Vargas e JK.

Após iniciar o texto comparando-o com o presidente morto em 1954, pois haviam sido os dois mandatários com votações mais expressivas para presidente,¹ a UH reafirmou seu posicionamento independente em relação ao governo, indicando que “não nos falta autoridade para adverti-lo neste editorial sôbre os perigos que, paradoxalmente, se encerram no espetacular resultado de 3 de outubro” (UH, “Personalismo, a Grande Ameaça!”, 24/01/1961). Reafirmando sua cultura política e sua intensa valorização de Getúlio Vargas, o jornal estabeleceu paralelos entre o falecido presidente e o futuro, em clara perspectiva para alertá-lo:

Eleito também em oposição ao govêrno, cercado de um entusiasmo e um delírio jamais registrados em tôda a história política do País, Getúlio Vargas teve que pagar com a própria vida o desmoronamento do frágil cinturão de segurança democrático e popular que tentou montar ao redor do seu govêrno e tombou sozinho, de nada lhe valendo, naquela conjuntura trágica (...) a imensa experiência, a múltipla soma de realizações em benefício do País e do povo, a inexcédível coragem de liderar e assumir responsabilidades (...) (UH, “Personalismo, a Grande Ameaça!”, 24/01/1961).

De maneira peremptória e, de certa forma, premonitória, a UH indicou que Jânio parecia ignorar tal perspectiva. Após criticar a demora na divulgação

1 Em 1950, Vargas obtivera cerca de 49% dos votos e, dez anos depois, Jânio recebeu 48% dos votos (tendo 1,8 milhão de votos a mais, por conta do aumento expressivo do número de eleitores). Em relação aos outros dois presidentes eleitos no período pós Estado Novo, Eurico Gaspar Dutra recebera a maior votação, com 55% em 1945 (embora o jornal consideraria essa situação como um caso excepcional, já que seria após um período ditatorial) e Juscelino Kubistchek, em 1955, recebera 35% dos votos. Fonte: <https://sites.google.com/site/atlaseleicoespresidenciais/>. Acesso em: 14.ago.2020.

dos nomes para o ministério, bem como os possíveis problemas de composição com a UDN (a qual a publicação afirmou que, como foi o partido de maior estrutura que apoiou sua candidatura, deveria ter um espaço naturalmente maior) e com partidos menores, a publicação indicou que, caso o futuro presidente não se atentasse para como funcionava o sistema político, ele poderia ser engalfinhado assim como Vargas fora:

Não, o Sr. Jânio Quadros continua inebriado pela vitória popular. Tudo indica que ele ainda não tomou consciência de que o Brasil, em apenas dez anos, escapou à uma guerra civil iminente, graças unicamente ao holocausto de um dos seus maiores estadistas (...) Impregnado de um misticismo que o faz aparecer como uma espécie de taumaturgo aos olhos não somente dos brasileiros como dos povos de terras por onde acaba de viajar, o Sr. Jânio Quadros parece empenhado em compor um governo apenas de magos e aulicos, incompatível com o funcionamento normal do regime democrático. A (...) tendência personalista, que ele imprime ao processo de formação do governo, surge como a maior e mais perigosa ameaça a pesar sobre o próximo período presidencial, pois fugindo a composição de um governo baseado nas forças reais do regime, fracassará muito antes do que se pode supor diante dos complexos problemas que o País apresenta internamente (...) (UH, “Personalismo, a Grande Ameaça!”, 24/01/1961).

Por fim, a UH encerrou com alguns trechos bastante enfáticos para alertar Jânio, indicando trechos como “A História é recente demais para que o Sr. Jânio Quadros a ignore” e “as oportunidades que o regime democrático oferece como sistema ainda melhor aparelhado para a solução dos problemas nacionais”, salientando que “Ninguém melhor do que o próprio Sr. Jânio Quadros, aliás, para atestá-lo: ele que, graças ao regime da democracia, pode, em menos de 15 anos, de humilde professor ginásial, ascender a suprema magistratura da Nação, como um de seus líderes mais poderosos” (UH, “Personalismo, a Grande Ameaça!”, 24/01/1961).

Nas edições do dia seguinte, no segundo texto sobre Jânio Quadros em sua capa, intitulado “Sem paz interna não haverá sobrevivência!”, a UH voltou à questão da composição ministerial e dos desdobramentos políticos das ações de Jânio, fazendo um texto como espécie de continuação do anterior, indicando que, caso ele ignorasse os partidos e toda a conjuntura do governo Vargas (evocando, novamente, o símbolo máximo da publicação), “ê ele poderá, caso incida em alguns

erros fundamentais, contribuir para a consolidação de uma das mais poderosas e atuantes coligações de oposição que um Presidente da República já enfrentou no Brasil” (UH, “Sem paz interna não haverá sobrevivência!”, 25/01/1961). Além disso, o jornal reverberou as críticas que Jânio tinha feito a JK durante a campanha e mesmo recentemente, indicando que o presidente que se despedia tinha realizado enormes feitos, evitando os erros e problemas que existiram no governo Vargas e que, se estava empenhado em sua possível volta em 1965, era muito mais por uma “vontade popular” do que a própria (UH, “Sem paz interna não haverá sobrevivência!”, 25/01/1961).

Também enfatizou que Jânio deveria buscar entendimentos com seu vice, considerado uma enorme força popular no país, que também tivera votação expressiva² e que possuía, atrás de si, uma enorme força das lideranças trabalhistas e populares do país. Por fim, o jornal chamou a atenção para a questão militar, uma vez que o presidente poderia passar por dificuldades com esse grupo, assim como JK encontrara ao ter que lidar com duas revoltas militares durante seu mandato (Benevides, *O Governo* 157-164) e manteve um tom otimista para o novo governo, mesmo com todas as problemáticas colocadas:

Sem compromissos partidários sem ligações de qualquer espécie com grupos políticos ou economicos esta organização jornalística deseja ardente e sinceramente que o Sr. Jânio Quadros acerte no caminho que vai iniciar a 31 de janeiro. Que a sua vassoura simbolica possa varrer, como prometeu os aproveitadores, os ladrões, os corruptos e os corruptores mas não para abrir vaga a outros que estão a espera de sua vez com um apetite alarmante. Que varra sim a miséria que ainda pesa sobre grande parte do povo brasileiro a dependência em que ainda nos encontramos apesar de todos os sacrifícios antes as pressões economicas e financeiras do exterior que elimine o atraso e o subdesenvolvimento que ainda constitutem um flagelo para tantos milhões de brasileiros (UH, “Sem paz interna não haverá sobrevivência!”, 25/01/1961).

Em um terceiro texto seguido sobre o assunto, novamente nas capas, o jornal trouxe um tom otimista para o novo presidente, embora sempre ressaltando que ele não poderia perder de vista as advertências feitas anteriormente.

2 É importante lembrar que a votação não era por chapa, sendo os nomes escolhidos separadamente; Jango obteve 36% dos votos, ante 34% de Milton Campos, membro da UDN, senador e ex-governador de Minas Gerais, que candidatara-se como vice na chapa de Jânio.

Enfatizando suas bandeiras centrais na campanha (o moralismo e a austeridade), a UH indicou que as aceitariam, desde que reduzisse a desigualdade social e não onerasse apenas os mais desprovidos (UH, “A Nova Mensagem Que o Brasil Espera de Jânio”, 26/01/1961). O texto indicou a necessidade de uma nova política externa, sendo que a publicação defendeu a possível orientação que Jânio tencionava em seguir (em uma postura neutralista), buscando equilíbrio na relação com os países em geral, inclusive com os EUA, defendendo a necessidade de maior estreitamento de laços com o país norte-americano.

Na parte final do texto, mantendo a perspectiva otimista (porém crítica), a publicação indicou que permaneceria como a “arma do povo”, estando “sempre prontos a aplaudir S. Exa., quando a isso fizer jus”, embora “nunca o poupando das críticas, advertências e ataques, que esperamos em Deus, ele há de merecer em número muito menor do que os aplausos” (UH, “A Nova Mensagem Que o Brasil Espera de Jânio”, 26/01/1961).

Dois dias depois, embora sem comunicado oficial por parte de Jânio, a publicação cravou os nomes do ministério, embora ainda existissem várias opções em aberto, sendo que poucos nomes desses indicados acabaram, de fato, assumindo os postos (UH, “Pronto o Ministério: Novo Governo em Ação”, 28/01/1961). Tal aspecto não agradou a UH e, em seu editorial dois dias depois, expôs que, mesmo já tendo anunciado que o futuro presidente não deveria dar espaço para os principais nomes da UDN e que não deveria seguir o processo considerado mais usual para compor o ministério, ainda assim esperavam uma postura diferente do mandatário vindouro, fator o qual não ocorreu.

Ao privilegiar nomes de seu entorno pessoal, sem expressão partidária ou ligados à outras agremiações, o editorialista Paulo Silveira não poupou críticas negativas a Jânio Quadros, questionando se existira algum critério ou se “teria tudo sido feito atabalhoadamente, ao sabor das pressões a que S. Exa. tão habilmente se esquivou na Europa, com suas fugas espetaculares aos “políticos”, mas das quais não conseguiu, afinal escapar em seu País?”. Chamando o ministério de “desoladora colcha de retalhos”, o jornalista condenou sumariamente a exclusão dos principais nomes da UDN, indicando novamente a perspectiva de que o futuro presidente deveria dar mais espaço para o maior partido que o apoiou. Por fim, evidenciando que Jânio, após a nomeação de seu ministério, demonstrava que não era “o dirigente que o País esperava, dotado de firmeza, coragem e capacidade de decisão própria”, finalizou o texto da seguinte forma:

Ao inaugurar o seu Governo, o novo Presidente não abre rumos novos ao País. Chega com métodos superados em face da etapa de evolução política a que o Brasil já chegou. E assim não podem deixar

de ser sombrios os vaticínios sobre os dias que aí vêm, carregados de obstáculos e escolhas que este jornal apontou ao novo Presidente em três editoriais sucessivos (UH, “O Grande Desapontamento”, 30/01/1961).

Nas edições do dia da posse, foi dado grande destaque ao evento, embora o assunto dividiu espaço com a despedida de JK e com o caso da fragata Santa Maria, que abordaremos no terceiro tópico. Com a manchete “Dupla Jan-Jan no poder (já) diplomada!”, fazendo uma referência ao slogan bastante famoso no processo eleitoral (Ferreira 212), a capa trouxe fotos e, internamente, deu destaque para falas de Jango e do próprio JK, referenciando algo sobre Jânio apenas para relatar que ele recebera lideranças sindicais em sua residência e pedira um voto de confiança, pois “o primeiro ano de governo seria de absoluta rigidez”, além de enfatizar que “ao compor seu comentado Ministério o fêz sem ouvir um partido sequer, mas com absoluta independência” (UH, “JQ Pede Voto de Confiança Aos Operários”, 31/01/1961).

No dia seguinte, a cobertura seguiu a mesma perspectiva: o destaque maior foi dado para a despedida de JK, com mais declarações desse do que de Jânio. O espaço dedicado ao novo presidente, inclusive, foi calcado em suas críticas feitas ao governo que findara e à situação política nacional. Em texto intitulado JQ: “País em crise; euforia é leviana”, o novo mandatário nacional indicara que o Brasil estava em uma crise “financeira, moral, administrativa, político-social, de autoridade e austeridade do poder”. Apontando que o país passava por uma “euforia leviana” (atingindo, diretamente, o discurso defendido pela UH, que enaltecia constantemente o governo JK) e que no país havia “escândalos de toda natureza, favoritismo”, com um “falso nacionalismo” que constituía a “sublime panacéia da época” (UH, JQ: “País em crise; euforia é leviana”, 01/02/1961).

Transcrevendo na íntegra as declarações de Jânio dadas na Voz do Brasil (no qual enfatizou, mais de uma vez, que o governo seria marcado pela austeridade e que era necessário trazer o país de volta à ordem), a UH dedicou uma página específica à posse, enfatizando que o atual presidente foi cordial e tratou bem JK durante o dia, na posse (com fotos) e, no período da noite, referindo-se ao texto publicado em suas páginas, indicou que Jânio criticou ferozmente JK, em uma atitude dúbia e que não coadunava com alguém que ocuparia o cargo máximo da República brasileira (UH, JQ: “País em crise; euforia é leviana”, 01/02/1961).

3. OPOSIÇÃO AO GOVERNO

Nos primeiros dias de fevereiro, a publicação manteve o tom bastante elevado contra o presidente, embora mantendo um certo otimismo em relação ao seu governo. Na coluna “Do ponto de vista nacional”, no texto “JQ, destino ou política?”, de Guerreiro Ramos, o sociólogo expôs bem essa perspectiva instituída no jornal, no qual ele reverberou as ações de Jânio ao procurar implantar a austeridade econômica e a moralidade política, embora indicou que “Vassourada mesmo é substituição de pontos-de-vista caducos por outros consentâneos com as exigências atuais do País, é mudança na qualidade, no progresso e no conteúdo (...) Se não compreender isto, o sr. Jânio Quadros será mais um fenomeno cego da nossa história” (UH, “JQ, destino ou política?”, 09/02/1961). Por fim, chamou a atenção para a incógnita que era o atual presidente, se ele faria as mudanças que prometeu ou se seria apenas mais um dos inúmeros demagogos que passara pela política: “está o sr. Jânio Quadros habilitado para assenhorar-se do sentido de sua própria eleição e, desta maneira, a executá-lo, ou, na hipótese de não apreendê-lo, vai ser ultrapassado pelos fatos?” (UH, “JQ, destino ou política?”, 09/02/1961).

Embora o tom da UH em relação ao presidente tenha oscilado por conta da política externa (aspecto que abordaremos no terceiro tópico), em linhas gerais a publicação continuou bastante crítica, demonstrando as problemáticas do início do governo. Na Câmara organizava-se uma forte reação contra o presidente, com a UH dando destaque para as declarações do líder da Oposição na Câmara, deputado Abelardo Jurema (PSD/PB), indicando que “O Parlamento responderá a altura à improvisação e ao personalismo de um presidente sem destino (...) Congresso Nacional será o palco da maior reação oposicionista a que o País já assistiu contra um Governo inepto e desorientado” (UH, “Explode na Câmara a Ofensiva Anti-Jânio”, 27/02/1961).

Em 09 de março o jornal deu destaque para possíveis declarações polêmicas de Jânio em resposta a um documento, recebido de um grupo de empresários do *Conselho Superior das Classes Produtoras* (CONCLAP), no qual ele reafirma os aspectos defendidos em campanha, evidenciando os aspectos até então já demonstrados em seus outros cargos políticos. Entre outros trechos destacados, o presidente teria dito que “Quando assumi a Presidência, êste País era um caos (...) Tenho de aplicar medidas drásticas e ásperas, a fim de conduzir êste País à apupos (...)”, indicando também que “Os sacrifícios terão de ser distribuídos proporcionalmente (...) Se os senhores me apoiarem, ser-me-á fácil levar a bom têrmo a tarefa de sanidade nacional. Se os senhores não me apoiarem, provàvelmente falharei, mas desconfio que não falharei sòzinho, porque outros

terão falhado também” e, por fim, a fala que causara maior impressão, colocando que “Homens poderosos já me procuraram para expressar sua desatisfação com o meu Governo. Expliquei-lhes que só haveria dois meios de tolher os meus passos: depor-me ou assassinar-me, o que não me parece fácil” (UH, Jânio: “Só Deposto ou Assassinado Deixarei de Cumprir Meu Dever!”, 09/03/1961).

Tal perspectiva dividira opiniões no jornal. Por um lado, Octavio Malta defendeu Jânio em suas colocações, indicando que os outros jornais esperavam que o presidente fosse diferente da imagem que apresentou no processo eleitoral, problematizando que a imprensa “Querida na presidência da República um homem que não respeitasse a palavra empenhada publicamente nos comícios, um malabarista completo e acabado!” (UH, “Revista dos Jornais”, 09/03/1961). Em contraponto, a colunista Adalgisa Nery, deputada estadual (PSB/GB) que já vinha vociferando contra o presidente praticamente desde o início de seu mandato em sua coluna *Retrato Sem Retoque*, ironizou as principais lideranças no país, indicando que “Só agora estão (...) percebendo que Jânio prepara o País para uma ditadura! Aqui nesta coluna, antes, muito antes da eleição do “salvador nacional” (...) afirmávamos que outra coisa não era nem poderia ser Jânio senão um ditador em expansão (...)” (UH, “Retrato sem retoque”, 09/03/1961).

No dia seguinte a UH também chamou a atenção para o fato, indicando que, se tal pressão ocorrera contra o presidente, ela era intolerável. Após indicar que fazer oposição era algo lícito, mas de maneira pública e aberta (como o próprio jornal dizia fazer), o editorial encerrou o texto explicitando que “A prática dessa atividade não é somente um desrespeito à lei e à pessoa do primeiro magistrado. É, sobretudo, um achincalhe à opinião pública” (UH, “Onde Está a Fôrça Dos “Homens Poderosos”?”, 10/03/1961).

No entanto, a publicação voltou a aumentar o tom contra o presidente após este declarar, em rede nacional, a respeito do aumento dos preços e da necessidade da aplicação de perspectivas de austeridade econômica para conter a crise, que o grande culpado era o antigo presidente (embora as referências fossem bem sutis, diferentemente do que a manchete indicara), que levara a economia a essa situação (UH, “Jânio: Preços Vão Subir Mais; Culpa é de JK”, 05/04/1961).

Dois dias depois, em editorial, Paulo Silveira criticou o tom do presidente, indicando que sua firmeza e dureza nas palavras e termos revelava, na verdade, um desespero de alguém que chegou a um local de extrema importância e que aparentava não saber o que fazer, argumentando que “Exilado no planalto central, desinteressado de aparecer nos grandes centros”, “constatação da realidade” teria levado-o a reação tão extremada, finalizando que “Se o homem que está na ponte de comando mostra-se, assim, tão fácil presa do desespero, claro que passageiros

e tripulantes do barco não têm motivos para viajar sem temores” (UH, “A cólera do presidente”, 07/04/1961).

Com ampla repercussão negativa no jornal e na oposição, o presidente foi exposto na Câmara, pelo líder do PSD, Paulo Pinheiro Chagas, como “Propagandista do Pânico” (UH, “‘Propagandista do Pânico’: PSD Ataca Jânio”, 14/04/1961) e, quatro dias depois, em novo ataque virulento ao presidente pelo deputado mineiro, que criou uma nova alcunha a Jânio, o “Flagelo do destino”, fazendo pesadas acusações de omissão e falta de coesão nas ações presidenciais (UH, “Pinheiro Chagas na Câmara: ‘JQ, flagelo do destino’”, 18/04/1961). No entanto, em coletiva de entrevista publicada no dia seguinte, o presidente surgiu em um tom bem mais ameno, indicando que não culpava JK por possíveis problemas na economia ou por uma “herança maldita” (UH, “Jânio: Não Acusei Nem Pretendo Acusar JK”, 15/04/1961), sendo analisado de maneira positiva no editorial publicado nas edições do mesmo dia, “A entrevista do presidente”.

4. A QUESTÃO INTERNACIONAL

Desde o início do governo de Jânio Quadros, a situação internacional já possuía grande destaque no jornal, sendo que tal questão teria grande protagonismo em seu mandato e nas páginas da UH. Mesmo antes da posse, para além das inconstâncias sobre a Guerra Fria, teve o caso do sequestro do transatlântico português Santa Maria, desviado para o Brasil pelo *Directório Revolucionário Ibérico de Libertação* (DRIL), com nomes espanhóis e portugueses que visavam ações contra os governos ditatoriais da Península Ibérica (Fidelis e Paulo 103).

Após atracar em território brasileiro, houve um pedido do governo português para deportar os revoltosos, que foi negado por Jânio, já empossado. Esse, que no ano anterior havia se encontrado com um dos principais líderes do sequestro, Henrique Galvão, garantiu à UH que não cometeria tal ato (UH, Jânio: “De Modo Algum Entregarei o Navio”, 30/01/1961). A publicação carioca se posicionou peremptoriamente a favor dos revoltosos, indicando Galvão como o grande nome contrário à ditadura de Salazar em Portugal e cobrando posicionamento do governo em relação ao assunto, pressionando para um asilo ao líder do movimento e nenhum tipo de punição contra os amotinados (Fidelis e Paulo 104).

Ao mesmo tempo em que tais movimentações agitavam as páginas da UH e as relações entre os países, Jânio começara a estruturar a PEI, que seria uma orientação das relações internacionais no sentido de não se prender aos blocos delimitados pela Guerra Fria, procurando manter contato com todos os países,

em posição de independência diplomática, mesmo os que fossem considerados “inimigos” dentro da lógica do contexto, aqueles pertencentes ao bloco socialista, uma vez que o Brasil estava em uma crise econômica e era necessário angariar novos mercados e investidores, quaisquer que fossem seus espectros políticos (Queler 78). Tal postura custou, desde o início do governo, um imenso desgaste para o presidente, que levou à perda substancial de seu capital político, uma vez que vários membros de grupos conservadores que o apoiaram (sobretudo membros do Exército e da UDN) passaram a se voltar contra ele por conta de tal postura (Manzur 182-186).

Na sua primeira mensagem ao Congresso Nacional, o presidente tomou o tema como o aspecto central, direcionando todo o espaço para tal perspectiva. Publicada com destaque pela UH, que dedicou a manchete de suas edições para a informação, com o texto “Jânio Convoca o Mundo para Defesa da Paz”, chamando a atenção para os principais pontos elencados pelo presidente na mensagem: “Respeito aos compromissos e à posição tradicional do Brasil no mundo livre”, “Ampliação dos contatos com todos os países, inclusive os do mundo socialista”, “Contribuição constante e objetiva à redução das tensões internacionais, quer no plano regional, quer no mundial”, “Expansão do comércio externo brasileiro” e “Apoio decidido ao anticolonialismo” (UH, “Jânio Convoca o Mundo Para a Defesa da Paz”, 15/03/1961).

Ainda dentro desse mesmo assunto foi destacada em fins de março uma entrevista de Jânio Quadros concedida ao jornal italiano “L’Unita”, de perspectiva comunista, indicando que, entre outras coisas, o governo brasileiro seria favorável a retomar contato com as nações comunistas, além de que revistaria as leis trabalhistas e estenderia suas vantagens para os trabalhadores do meio rural (“JQ: Vou Reconhecer Todo o Mundo Comunista”, 31/03/1961). No entanto, no mesmo dia em que a publicação dedicara sua manchete à entrevista referida (cujo título foi “Jânio: O meu govêrno não reprimirá greves”), trazia em seu bojo o editorial “Tratado sem validade força Jânio a recuar”, cujas linhas de Paulo Silveira criticaram acidamente a postura do governo brasileiro que, após sinalizar que apoiaria um possível pedido de independência de Angola, uma vez que o país africano fora agitado por várias movimentações pela libertação de Portugal após o caso do Santa Maria, acabou voltando atrás e optou pela neutralidade durante debate sobre o assunto em assembleia na ONU (UH, “Tratado sem validade força Jânio a recuar”, 31/03/1961). Tal postura foi amplamente questionada pela publicação carioca, que não poupou críticas ao presidente, questionando a dubiedade entre suas palavras e ações (Fidelis e Paulo, 109-112).

O editorial “A entrevista do presidente” deu o tom da cobertura, até então, do governo Jânio pela UH: embora apoiasse a PEI, criticava sua política interna,

problematizando existir abordagens tão distintas em um mesmo governo (UH, “A entrevista do presidente”, 15/04/1961). Nas edições do dia 29 de abril, a coluna Economia & Finanças anunciou que o presidente não iria reatar relações políticas com os países do bloco socialista, restringindo a relação apenas à questão comercial. Tal aspecto teria sido decidido após a ampla repercussão negativa que tal aproximação vinha tendo em vários meios, inclusive de membros da base de seu próprio governo (UH, “Brasil-URSS: *Reatamento Apenas Comercial*”, 29/04/1961).

Concomitante com tal perspectiva, houve as questões relacionadas a Cuba, a crise aberta com os EUA e as posições do governo e da UH. Em março do ano anterior, Jânio visitara o país comandado por Fidel Castro e passara sete dias na Ilha, dialogando com as principais lideranças e tecendo elogios a esses, causando certo desconforto nos setores mais conservadores que o apoiavam no início da campanha eleitoral (Moniz Bandeira 193).

Em abril de 1961, após a fracassada tentativa de invasão do território cubano pela Baía dos Porcos (Moniz Bandeira 274-293), o jornal colocou-se peremptoriamente a favor de Cuba e o governo brasileiro sinalizou positivamente também para o país caribenho. Em desfile do dia 01 de maio, Fidel Castro declarou, de maneira mais incisiva, a guinada cubana para o Bloco Socialista, sendo que a UH publicou, em suas edições do dia 03 de maio, telegrama de Jânio felicitando e apoiando o líder cubano, indicando que “propósito várias vezes manifestado pelo Brasil de ver respeitado neste Continente o princípio da autodeterminação dos povos e a efetiva soberania de tôdas as Nações (...)” (UH, “Jânio reafirma apoio a Cuba”, 03/05/1961). Na mesma edição, foi publicada o telegrama de resposta de Osvaldo Dorticós, presidente cubano, agradecendo o apoio e indicando que os prisioneiros da invasão estavam sendo bem tratados, mantidos todos os seus direitos (UH, “Dorticós a JQ: Prisioneiros Serão Bem Tratados Por Cuba”, 03/05/1961).

No entanto, as edições seguintes destacaram uma fala incisiva do líder do PTB na Câmara, Almino Afonso, que acusava o governo de, ao mesmo tempo em que mantinha contatos cordiais com Cuba, se aproximava do Fundo Monetário Internacional (FMI) para conseguir crédito com os EUA, sendo que Jânio “começa a dar visíveis mostras de recuo, inseguranças e incertezas de rumos” (UH, “PTB Revela Documento Secreto e Acusa JQ”, 10/05/1961). Nessa mesma página, havia uma reportagem indicando que o ministro da Fazenda, Clemente Mariani, que estava nos EUA (exatamente negociando com o FMI) anunciaria um empréstimo de 600 milhões de dólares para uma série de investimentos e reorganização econômica do país (UH, “Missão Mariani obtém êxito: Créditos de US\$ 600 milhões”, 10/05/1961).

Essa dubiedade foi o principal enfoque na abordagem do jornal em relação ao governo nas edições seguintes. Em relação ao acordo com os EUA, a própria UH não encarou tal como um problema, divergindo da orientação da bancada trabalhista no Congresso. Nas capas das edições do dia 19 de maio, em um texto intitulado “Associados, não satélites”, a publicação carioca defendeu os acordos realizados, uma vez que o país norte-americano teria reconhecido o papel de destaque na América Latina e concordara que o Brasil não era inimigo e deveria ser tratado como uma nação independente e não subserviente, retomando falas de Jânio sobre o assunto ao destacar que o presidente “reafirmou aquilo que é uma constante na história de nosso País, a sua aliança com o povo norte-americano na luta pela liberdade e pela democracia”, mas “ao mesmo tempo fortaleceu a nossa decisão de conduzir, com inteira independência, a nossa política exterior (...)” (UH, “Associados, não satélites”, 19/05/1961).

5. INTENSIFICAÇÃO DA CRISE

Com tais dinâmicas políticas do período, a UH estruturou o governo de Jânio Quadros dentro dessa contraditória questão: se na política interna o presidente demonstrava um caráter austero com os gastos e bastante conservador em suas demandas, na política externa buscava uma perspectiva moderna e independente do país em relação à Guerra Fria, embora com alguns recuos (que seriam sinônimos de fraqueza para a publicação). Tais questões, aliadas a um distanciamento cada vez maior do presidente com o Congresso e a perda das bases partidárias parecia confirmar, cada vez mais, as advertências indicadas pela publicação antes de sua posse.

Desde o início de seu governo, Jânio instaurara inúmeras sindicâncias para apurar várias acusações de irregularidades em órgãos públicos. Em investigações relacionadas ao *Serviço de Apoio à Previdência Social* (SAPS) e do *Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Bancários* (IAPB), o nome de João Goulart foi mencionado como um possível beneficiário dos desvios cometidos nesses órgãos. Indignado com tais acusações, Jango endereçou uma carta ao presidente, pedindo a exclusão de seu nome das investigações, tendo recebido uma resposta ríspida por parte do mandatário (Loureiro 194).

Nas capas das edições do dia 22 de maio, em um pequeno texto intitulado “A Crise JQ-JANGO: Um Apêlo ao Patriotismo”, a publicação estruturou um texto conciliador, indicando que contava com o bom senso, uma vez que tal acontecimento poderia trazer vários problemas para o governo e o país, como no “cenário internacional, dando causa a interpretações e especulações suscetíveis

de abalar a projeção que tão penosamente vimos conquistando”, apelando para que ambos esquecessem o incidente e voltassem a se entender, pois “Se em nosso regime democrático não existe possibilidade de diálogo entre o Presidente e o Vice-Presidente da República, alguma coisa está basicamente errada - e é preciso corrigi-la com urgência” (UH, “A Crise JQ-JANGO: Um Apêlo ao Patriotismo”, 22/05/1961).

Tal aspecto intensificou a crise política instalada no governo, uma vez que, no Congresso, o PSD e o PTB uniram-se de vez contra Jânio (Hippolito 103-111), além da UDN cada vez mais afastada do mandatário (Benevides, *A UDN* 117). Em editorial do dia 31 de maio a UH condenou uma articulação, liderada por José Maria Alkmin (PSD/MG), para indicar o processo de impeachment contra o presidente, indicando que essa movimentação era “violentadora do regime democrático”, cravando que a oposição deveria combater Jânio Quadros no Congresso, e não por meios jurídicos. Por fim, em tom conciliador com o presidente e contra atitudes extremadas, o texto iniciou seu último parágrafo indicando que “o “impeachment” não será contra o Sr. Jânio Quadros, mas contra a democracia brasileira” (UH, “Impeachment Contra a Democracia”, 31/05/1961).

Tal perspectiva advinha, sobretudo, de vários indícios de crises institucionais, tendo em vista a oposição, cada vez mais crescente, de setores dentro do Exército e da própria política em relação às medidas do governo, sobretudo contra a PEI. Já em rota de colisão com o presidente, Carlos Lacerda era o principal nome contra a diretriz do governo, indicando que tal perspectiva causava um desserviço enorme ao país e que era preciso que se fizesse algo para evitar que esses atos continuassem, mesmo que atentasse contra o mandato do presidente e à ordem política presente (Mendonça 251-261).

A UH já havia destacado, nas edições do dia 08 de maio, fala de Sérgio Magalhães (PTB/GB), vice-presidente da Câmara dos Deputados e responsável pela *Coluna da Guanabara*, destacando uma possível movimentação de golpe de Estado no Congresso, indicando que vários setores estariam se movimentando para esse fato (o editorial Impeachment Contra a Democracia, do dia 31 de maio, dialogava com essa perspectiva, ao indicar o perigo iminente de tal ato) (UH, “Sérgio Magalhães: Conspiração Em Marcha Contra O Regime”, 08/05/1961).

Após o recrudescimento de tais movimentações e algumas declarações públicas mais intensificadas contra o presidente (Chaia 231), a publicação se posicionou de maneira mais veemente, dedicando um editorial mais extenso que o usual, com o título “Advertência Aos Agitadores: Ai De Quem Tentar Destruir O Sistema Democrático Do Brasil!”, demarcando novamente a defesa do regime vigente e do próprio governo, pontuando suas discordâncias de Jânio, mas reafirmando que tal perspectiva era comum do sistema político.

O principal alvo do texto foi, evidentemente, o grande inimigo do jornal, Carlos Lacerda. Com ampla rivalidade entre ambos desde o início da publicação, em 1951, que culminou com a crise do final do governo Vargas e com o quase fechamento da UH (Fidelis 132-137), o atual governador da Guanabara fora o principal fiador do apoio da UDN à candidatura de Jânio Quadros (Mendonça 228-233) e, nesses últimos dias, tornara-se seu principal crítico.

A UH, que já dedicava parte de sua cobertura a criticar a gestão de Lacerda como governador, indicou que esse, querendo “desviar a atenção do povo de seu evidente fracasso como administrador”, procurava “despertar o primarismo ultra-reacionário e medieval de reduzida parcela da burguesia”. Nesse mesmo editorial, a publicação reafirmou sua postura sobre Jânio, indicando que o presidente “se mantiver nos exatos limites de suas prerrogativas constitucionais, merece de nossa parte e do País todo respeito a que tem direito”, “sem que nos omitamos de criticar-lhe os atos que a nosso ver firam os interesses nacionais”. Por fim, finalizou que, embora trilhando caminhos em seu mandato que não coadunavam com a perspectiva do jornal carioca, “essas trilhas ainda não o desviaram da estrada real que a Lei demarca”, confiando que as forças progressistas e democráticas venceriam, pois “o Brasil se recusa a andar para trás, para que não se repita aquêlê trágico dilema que o colheu, nos idos de 1937, quando, diante do perigo de dois extremismos, sacrificou o sistema democrático a uma Ditadura” (UH, “Advertência Aos Agitadores: Ai De Quem Tentar Destruir O Sistema Democrático Do Brasil!”, 07/06/1961).

Nessa perspectiva, a UH manteve sua oposição ao governo, embora defensor da manutenção da democracia e das regras do jogo político, além de amplo apoio a João Goulart e às perspectivas do PTB, dentro da cultura política trabalhista da qual o jornal fazia parte, consolidando os principais traços presentes em suas páginas.

6. CONCLUSÃO

Nos quase três meses que se seguiram, até a renúncia de Jânio, a UH manteve as perspectivas apresentadas no texto. A partir dos pontos elencados (além de inúmeros outros que, infelizmente, não puderam ser abordados no escopo desse texto), é possível pontuar que o jornal carioca, principal espaço no campo da imprensa da cultura política trabalhista, não coadunava com o projeto apresentado por Jânio Quadros no poder, com exceção da PEI. No entanto, manteve-se defensor do sistema democrático e da ordem estabelecida, levando em conta que tais aspectos estavam acima de interesses individuais, acusando

seus opositores (em especial Lacerda) de quererem o impeachment ou um golpe de Estado contra Jânio apenas por não concordarem com suas ações, sem um embasamento constitucional para tal.

A relação entre Jânio e Jango continuou estremeçada (embora relativamente mais amena), sendo que o vice-presidente partiu em viagem para representar a comitiva brasileira que buscava reestabelecer o diálogo comercial com a China (Ferreira 224-227). O grau de fervura da crise manteve-se, no entanto, em constante ebulição, culminando com o pronunciamento de Carlos Lacerda, em 24 de agosto, no qual intensificou suas críticas ao presidente, sobretudo por conta da condecoração concedida por ele a Ernesto Che Guevara, ministro da Indústria de Cuba e uma das principais lideranças do país caribenho, ação essa considerada um escárnio pelo governador da Guanabara e por vários outros setores conservadores no país (Mendonça 256).

Com a renúncia de Jânio Quadros no dia seguinte às declarações de Lacerda, iniciaria uma nova crise que transcenderia as disputas políticas e caminharia para a questão militar, iniciando uma longa negociação para permitir o retorno de João Goulart ao Brasil e sua posse. Disputa a qual a UH mergulharia de maneira bastante intensa, mantendo seus predicados e utilizando de todos os seus meios e influência para que o então vice-presidente assumisse o comando do Executivo, conforme predispunha a Constituição Federal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Benevides, Maria. *A UDN e o udenismo*. Coleção Estudos brasileiros; v. 51. Paz e Terra, 1981.
- Benevides, Maria. *O Governo Kubitschek: desenvolvimento econômico e estabilidade política, 1956-1961*. Estudos brasileiros, v. 8. Paz e Terra, 1976.
- Biroli, Flávia. “Liberdade de imprensa: margens e definições para a democracia durante o governo de Juscelino Kubitschek (1956-1960)”. *Revista Brasileira de História*, vol. 24, no. 47, 2004, pp. 213-240. <https://doi.org/10.1590/S0102-01882004000100009>
- Chaia, Vera. *A liderança política de Jânio Quadros (1947-1990)*. Humanidades, 1991.
- Ferreira, Jorge. *João Goulart: uma biografia*. Civilização Brasileira, 2011.
- Fidelis, Thiago. *Preto no Branco: as crises políticas institucionais pelas páginas de O Estado de S. Paulo e Última Hora (1954/1956)*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara), 2018.

- Fidelis, Thiago y Heloísa Paulo. “A Bordo Do Santa Maria: A Luta Anticolonialista E A Oposição Portuguesa Pelas Páginas De Última Hora (1961)”. *Revista História das Ideias*, Coimbra, vol. 38, 2º Série, 2020, pp. 95-117. https://doi.org/10.14195/2183-8925_38_5
- Hippolito, Lucia. *De raposas e reformistas – o PSD e a experiência democrática brasileira (1945 - 64)*. Coleção Estudos Brasileiros, v. 85. Paz e Terra, 1985.
- Loureiro, Felipe. “Varrendo a democracia: considerações sobre as relações políticas entre Jânio Quadros e o Congresso Nacional”. *Revista Brasileira de História*, vol. 29, no. 57, 2009, pp. 187-208. <https://doi.org/10.1590/S0102-01882009000100008>
- Manzur, Tânia. “A Política Externa Independente (Pei): Antecedentes, Apogeu E Declínio”. *Lua Nova*, no. 93, 2014, pp.169-199. <https://doi.org/10.1590/S0102-64452014000300007>
- Mendonça, Marina. *O demolidor de presidentes*. Códex, 2002.
- Moniz Bandeira, Luiz. *De Martí a Fidel. A Revolução Cubana e a América Latina*. Civilização Brasileira, 2009.
- Queler, Jefferson. *Entre O Mito E A Propaganda Política: Jânio Quadros e sua imagem pública (1959-1961)*. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de História, 2008.

Fontes

Jornal A Última Hora. Edições de 1961.